

Médico de Maringá ganha prêmio nos Estados Unidos

Técnica devolve fertilidade a mulheres que passaram por radioterapia

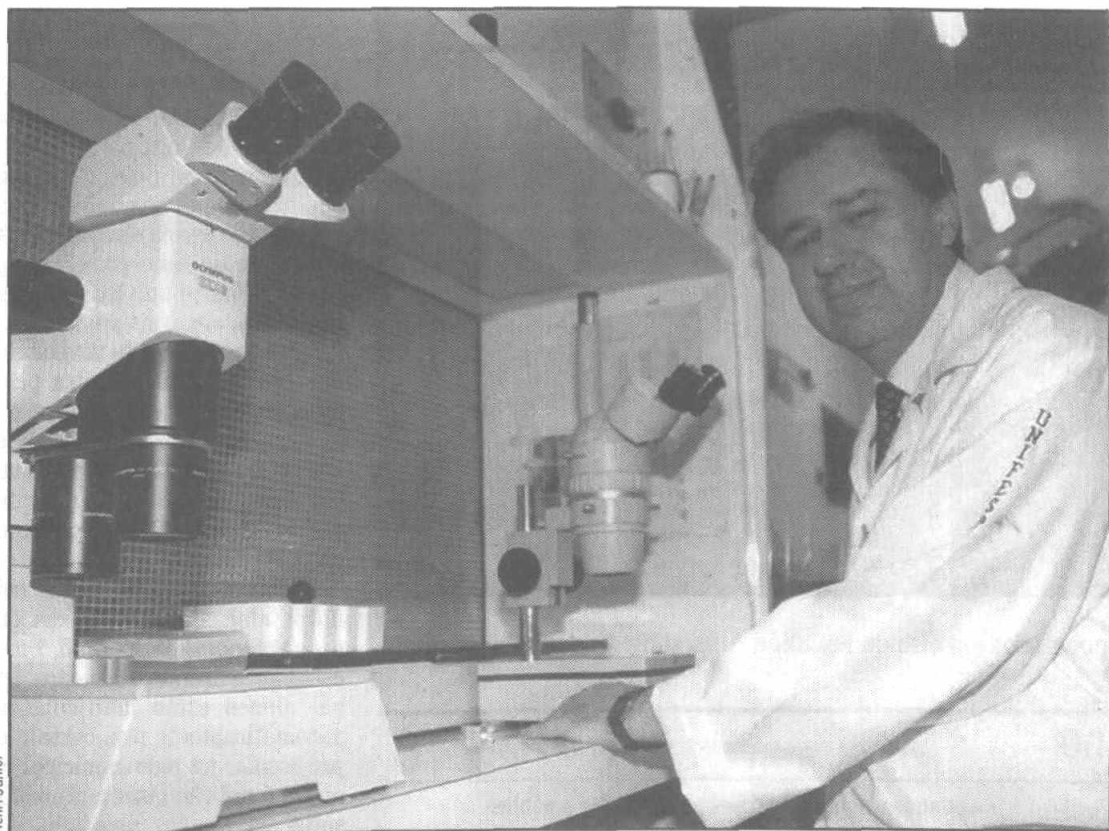
MARINGÁ - O MÉDICO GILBERTO ALMODIN, de Maringá, conquistou o primeiro lugar em pesquisa científica durante o Congresso Mundial de Reprodução Humana, realizado este mês, em Seattle (Estados Unidos). Almodin e sua equipe surpreenderam a comunidade científica internacional ao apresentar uma técnica - inédita no mundo - capaz de devolver fertilidade a mulheres jovens que ficaram estéreis após passarem por tratamento de radioterapia e quimioterapia. A pesquisa do maringaense, que levou nove anos para ser concluída, concorreu com 800 trabalhos internacionais.

A técnica desenvolvida pela equipe brasileira consiste em retirar e congelar o tecido germinativo do ovário antes de a paciente submeter-se à quimioterapia ou radioterapia. Após o tratamento, quando a mulher estiver curada, o tecido (contendo as células germinativas) é reimplantado no ovário, que recupera sua capacidade de gerar óvulos.

Segundo o médico, mulheres que enfrentam quimio e radioterapia ficam impossibilitadas de gerar filhos biológicos porque a radiação destrói a capacidade produtiva do ovário. A técnica testada por Gilberto Almodin também vai permitir que mulheres jovens adiem a gravidez para mais tarde sem se preocupar com a perda da fertilidade. Com o reimplante de ovário, será possível engravidar em idade avançada sem a necessidade de recorrer à doação de óvulo.

Teste

O reimplante de ovário foi testado com sucesso em ovelhas e coelhas e está aprovado para testes humanos. "No próximo ano, iremos selecionar voluntárias para concluir a última etapa da pesquisa", diz o médico, que tornou-se conhecido no país por ser o primeiro da América Latina a conseguir



Henri Júnior

Gilberto Almodin, em seu laboratório: implante de tecido congelado.

CÂNCER

Células afetadas por tratamento

A literatura médica comprova que mulheres jovens afetadas pelo câncer e que são submetidas a tratamentos de quimioterapia e radioterapia, conseguem sobrevida prolongada e com qualidade, sem nenhum traço da doença. Mas, este tipo de tratamento afeta as células germinativas, suscetíveis à toxicidade do tratamento. Como resultado, a principal complicação verificada é a falência ovariana precoce, resultando na esterilidade inclusive entre pacientes jovens, que ainda não têm intenção de engravidar num futuro próximo. A técnica de retirada e armazenamento do tecido germinativo de mulheres já estava em fase adiantada em muitos centros de pesquisa do mundo. Apesar disto, tanto o armazenamento, quanto as tentativas de utilização do ovário congelado com o objetivo de recuperação da fertilidade do ovário ainda não ofereciam possibilidades reais de resultados, ao contrário do que o grupo brasileiro conseguiu.

que uma mulher em menopausa engravidasse. Em outro trabalho importante, em 1994, desenvolveu o primeiro bebê de prole

brasileiro de pai infértil.

A pesquisa premiada demorou nove anos para ser concluída. Pesquisadores canadenses,

norte-americanos e franceses já haviam tentado antes congelar ovários para reimplante, mas sem sucesso. Segundo o médico de Maringá, o segredo do sucesso da experiência está no congelamento. Enquanto outros cientistas tentavam congelar o ovário inteiro, Almodin congelou apenas o tecido germinativo - as células que se transformam em óvulos. "Quanto menor o tecido congelado, maior as chances de regeneração", explicou.

Moderno

Toda pesquisa foi desenvolvida na Clínica Materbaby, do próprio médico, que possui um dos laboratórios de fertilidade humana mais modernos do país. Para Gilberto Almodin, o maior prêmio foi sua pesquisa ter sido considerada "genial" pelos maiores pesquisadores do mundo em reprodução humana.

■ TERESA MENEZES